

editorial

editorial

entrevista

interview

artigos submetidos  
submitted papers

tapete

carpet

artigo nomads

nomads paper

projeto

project

expediente

credits

próxima vírus

next virus

**V!17**

issn 2175-974x | ano 2018 year

semestre 02 semester



# abordando vivências participativas de bioconstrução addressing participatory bioconstruction experiences

eliane katayama  
norma constantino

**Como citar este texto:** KATAYAMA, E., CONSTANTINO, N. Abordando vivências participativas de bioconstrução. *Carlos*, n. 17, 2018. [online]. Acesso: dd/mm/aaaa.

ARTIGO SUBMETIDO EM 28 DE AGOSTO DE 2018

**Eliane Katayama** é arquiteta. Pesquisadora da Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho". Estuda métodos e processos participativos para cidades sustentáveis.

**Norma Regina Truppel Constantino** é arquiteta e urbanista, Doutora em Arquitetura e Urbanismo, professora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual Paulista - UNESP, e professora do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAAC - UNESP.

## Resumo

A partir do estudo de três vivências de bioconstrução realizadas de forma participativa em cidades paulistas de Bauru e Campinas, no período de 2009 a 2017, e caracterizadas por diferentes escalas urbanas (lote, bairro e cidade), três tipos de organização social (agrupamento ativo, empresa ou escola e bairro popular ou comunidade rural) e diferentes níveis de participação, o presente artigo visa obter a leitura da paisagem dessas vivências a partir do método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) para a coleta de entrevistas e análise dos dados. Utilizou-se a Pesquisa-ação Participativa (PAP) como metodologia para a coleta das vivências que abordaram processos contemporâneos de construção de conhecimento através de resolução de problemas coletivos de forma participativa (reuniões, discussões e um plano de ação concretizado colaborativamente utiliza princípios de permacultura e bioconstrução, evidenciando a importância de "participar+coletivo", reflexão e conscientização sobre a questão ambiental e coletiva. Os resultados são apresentados a partir de quadros-síntese com as ideias centrais do DSC revelar a paisagem das vivências através da perspectiva do conjunto de seus participantes (processo) e indicando que a forma de coleta e tratamento de dados que o método propõe é importante não só para avaliação, mas para a geração de dados participativos e colaborativos.

**Palavras-Chave:** Participação, Pesquisa-ação participativa, Vivência de bioconstrução, Discurso do Sujeito Coletivo, Leitura da paisagem

## 1 Introdução

A ocupação dos espaços urbanos vem crescendo e, segundo relatório divulgado pela ONU em 2014, mais da metade da população mundial vive em áreas urbanas. No Brasil, a população urbana já chega a 84,4%, segundo levantamento realizado pelo IBGE em 2010. À medida que os recursos terrestres são finitos e a população cresce exponencialmente, exigindo maior produção de recursos, torna-se cada vez mais difícil atender às necessidades básicas de toda a população humana. Desta forma, a proteção do meio ambiente é tema de grande atualidade e constitui um dos principais desafios da humanidade no século XXI.

Diante dessa problemática, muitos acreditam que os avanços tecnológicos chegarão a soluções para as questões citadas, o que, para Herrera (1982), não será suficiente para evitar o desaparecimento do homem, ironicamente devido às suas próprias ações.

Jacobi expõe que qualquer esforço em reverter o quadro atual de "[...] degradação permanente do meio ambiente construído e do seu ecossistema maior" não pode deixar de considerar "os determinantes do processo, [...] os atores envolvidos e [...] as formas de organização social que potencializam novos desdobramentos e alternativas de ação numa perspectiva de sustentabilidade" (JACOBI, 2000, p. 14).

Da mesma forma, o princípio número dez da Declaração das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, adotada em 1992 no Rio de Janeiro, cita a importância da participação dos cidadãos para tratar as questões ambientais:

A melhor maneira de tratar as questões ambientais é assegurar a participação, no nível apropriado, de todos os cidadãos interessados. No nível nacional, cada indivíduo terá acesso adequado às informações relativas ao meio ambiente de que disponham as autoridades públicas, inclusive informações acerca de materiais e atividades perigosas em suas comunidades, bem como a oportunidade de participar dos processos decisórios. Os Estados irão facilitar e estimular a conscientização e a participação popular, colocando as informações à disposição de todos. Será proporcionado o acesso efetivo a mecanismos judiciais e administrativos, inclusive no que se refere à compensação e reparação de danos (ONU, 1992, p. 2).

Tendo em vista que as decisões que interferem na qualidade de vida e no meio ambiente onde a população vive dizem respeito a bens e direitos a todos pertencentes, não se pode excluir o público das escolhas suscetíveis de afetá-los. Sendo assim, não se pode afastar a participação popular e a defesa do meio ambiente, por serem indissociáveis.

Pronsato (2005) explica que a abordagem participativa revela fortes preocupações com a conquista coletiva dos direitos da cidadania, além de ser profundamente permeada pela ligação afetiva com o lugar.

[...] A falta de afetividade pelos lugares e pelo que representam é um caminho reto para a pobreza cultural. As pessoas ficam desorientadas quando não conseguem mais entender a linguagem espacial que vivem no cotidiano e que lhes diz que neste presente particular, há passados respeitáveis e futuros esperançosos (PRONSATO, 2005, p. 47).

A autora alerta que, em continuação ao processo de troca com a população, delineamento de diretrizes e execução de projetos, ainda existe a necessidade de estudar maneiras de dar continuidade a esse processo, possibilitando a relação de pertencimento e identidade do usuário e da sua inclusão enquanto agente ativo e consciente na cidade e que, para isso, é preciso encontrar metodologias e caminhos (PRONSATO, 2005).

Desta forma, foram realizadas vivências de bioconstrução durante o período de 2009 a 2017 nas cidades de Campinas e Bauru - SP. Resultaram da busca de uma metodologia de trabalho/ensino, visando não só um conhecimento técnico-prático de execução de técnicas de bioconstrução, mas também a geração de reflexão e conscientização sobre parâmetros de sustentabilidade ampliados por Sachs (2004) para cinco dimensões: a social, a econômica, a ecológica, a espacial e a cultural.

Tendo o meio urbano como objeto de intervenção, buscou-se incentivar os vivenciadores (atores do processo) a "**parti.cipar+co.laborar**" para a resolução de problemas coletivos de forma participativa (tomar parte de forma voluntária), através de ações transdisciplinares e multiculturais, como as reuniões realizadas com discussões para se chegar a um plano de ação a ser realizado colaborativamente (trabalhar juntos) e utilizando técnicas de permacultura e bioconstrução, culminando em um processo de construção coletiva de conhecimento em diferentes áreas envolvendo atores e comunidades não-acadêmicos.

A permacultura, termo formado pela fusão das palavras *permanent agriculture* (agricultura permanente), inicialmente consistia no desenvolvimento de uma estrutura de trabalho, evoluindo para um sistema de agricultura sustentável. Com o passar do tempo, passou a abranger um significado mais amplo na esfera cultural, sendo redefinido para "cultura permanente" (MOLLISON; SLAY, 1994). Criada na década de 1970 por Bill Mollison e David Holmgren, procura entender como os sistemas ecológicos funcionam suprindo as necessidades humanas básicas, em harmonia com a natureza de forma prática e cooperativa com o menor gasto de energia possível. Seja no espaço rural ou urbano, a permacultura encoraja a prática de seus princípios éticos e de design em busca por sociedades humanas sustentáveis.

Buscou-se incentivar os participantes a encontrar "seu próprio caminho, quaisquer que sejam as circunstâncias", criando sem apropriar-se de "técnicas e truques", mas tendo uma "atitude despreconcebida, original e maleável", perante situações novas e inesperadas (GROPIUS, 1994, p. 25-26).

Utilizou-se o termo "vivência" de bioconstrução, e não "oficina", "mutirão" ou "curso", por entender que as atividades realizadas buscaram uma forma que remete mais a uma experiência vivida do que a um aprendizado teórico e prático sobre bioconstrução de forma colaborativa.

As técnicas de bioconstrução foram utilizadas por unirem a ecologia, a arquitetura e o urbanismo, visando soluções de construção com o mínimo impacto ambiental possível possibilitando escolhas conscientes e ambientalmente, economicamente e socialmente responsáveis, considerando e analisando o ciclo de vida e os processos pelos quais os materiais utilizados na construção são submetidos priorizando a utilização de materiais naturais e da região.

## 2 Projeto "Praça Cultura Viva": Praça Val Rai

O projeto "Praça Cultura Viva" visou o desencadeamento de um processo de reflexão sobre questões artístico-culturais, sociais, econômicas e políticas através da apropriação do espaço público. Propôs a intervenção cultural e conscientização ambiental através de vivências de bioconstrução e aulas de teatro junto à comunidade do entorno da Praça Val Rai, localizada no Jardim das Orquídeas em Bauru – SP.

As atividades foram realizadas em três fases (2009, 2013 e 2015) com o apoio do Programa Municipal de Estímulo à Cultura de Bauru e resultou em um projeto paisagístico participativo para a praça, sua execução e inauguração. Seu nome foi dado em homenagem ao artista bauruense Valdir Aparecido Raimundo - "Val Rai", falecido em 2008, que teve sua atuação e trajetória artística voltada para a técnica Butoh. A Figura 1 ilustra o antes e depois das vivências de bioconstrução no espaço.



Fig. 1: Praça Val Rai (2009, antes da vivência; e 2017, depois). Fonte: A autora, 2009 e 2017.

## 3 Centro de Educação Infantil Santo Antônio (CEISA)

O Centro de Educação Infantil Santo Antônio (CEISA) é uma parceria firmada entre a Indústria Plasútil<sup>4</sup> e a Prefeitura Municipal de Bauru com a finalidade de atender à comunidade próxima à empresa e filhos de funcionários da referida indústria.

A partir de visitas ao local, reuniões com a coordenação, professores e atividades lúdicas com as crianças, com a finalidade de desenvolver um projeto e execução coletivos, elaborou-se um plano de ação que compreendeu um projeto arquitetônico das estruturas básicas da cobertura da caixa de areia e da casa de bonecas inspirado no tema Apoena Zá-hê, que estava sendo trabalhado pelos alunos naquele ano.

As vivências de bioconstrução foram realizadas com a colaboração de pais, professores e coordenadores, uma vez por semana, no período de abril a dezembro de 2012. Iniciou-se com uma cobertura em formato de abóbada da "Caixa de Areia", com círculos vazados ao centro, representando as fases da lua, sendo utilizadas garrafas de vidro embutidas na estrutura para passagem de luz e terminou com a construção da "Casa de Bonecas" que depois seria apelidada pelas crianças de "Casa Azul". A Figura 2 ilustra o antes e depois da paisagem onde aconteceram as vivências de bioconstrução.



Fig. 2: Vistas da paisagem, antes e depois das vivências de bioconstrução. Fonte: A autora, 2012.

## 4 Vivência Ecocasa Kripa Madhu

A Ecocasa Kripa Madhu foi um projeto de implantação de uma casa colaborativa voltada para divulgar e praticar os conceitos da permacultura urbana através de vivências de bioconstrução, práticas de meditação, yoga e alimentação vegetariana em Barão Geraldo, distrito de Campinas-SP. Teve início em fevereiro de 2016 e término em junho de 2017.

Pode-se dizer que a casa teve três momentos principais de transformação, permeados por vivências de bioconstrução que configuraram ciclos curtos dentro de um ciclo mais longo. O primeiro, foi uma fase exploratória, de adaptação com a casa, com a rotina dos moradores, para conhecer o entorno, a dinâmica da cidade, abrigoando pessoas novas que tinham afinidade com o projeto e poderiam ser parceiros, entendendo desafios a serem enfrentados para a elaboração de um plano de ação e um delineamento mais claro da proposta e dos objetivos do projeto para que pudessem ser colocados em prática.

Em um segundo momento, pode-se experimentar o trabalho coletivo, aprendizagem e compartilhamento de saberes de forma mais intensa, possibilitando uma transição para o terceiro momento, de amadurecimento da proposta, maior consciência e visão mais ampla das práticas e estratégias para a sustentabilidade da casa, permitindo resultados melhores e mais significativos. A Figura 3 ilustra o antes e depois das vivências de bioconstrução.



**Fig. 3:** Vista da paisagem antes e depois das vivências. Fonte: A autora (2016 e 2017).

## 5 Métodos utilizados

Os casos estudados foram selecionados a partir de três parâmetros detalhados no Quadro 1, a seguir.

Estudos de caso	Escala Urbana	Organização Social (THIOLLENT, 2007)	Graus de Participação
Ecocasa Kripa Madhu	Escala do lote	associação ou agrupamento ativo	de passividade ao auto desenvolvimento
CEISA – Centro de Educação Infantil Santo Antônio	Escala do bairro	empresa ou escola	de passividade ao auto desenvolvimento
Praça Val Rai - Projeto "Praça Cultura Viva"	Escala da cidade	bairro popular, comunidade rural	de passividade ao auto desenvolvimento

**Quadro 1:** Parâmetros de seleção dos estudos de caso. Fonte: A autora, 2017.

O primeiro parâmetro refere-se à representação de diferentes **escalas urbanas** – a praça (escala da cidade), a creche (escala do bairro), a casa (escala do lote) – relacionadas à dimensão humana ilustrada por Gehl (2015) através do campo social de visão que tem seu limite em 100 metros de distância e trata da relação entre sentidos, comunicação e dimensões, parâmetros importantes para o planejamento urbano. O autor informa que muito pouco ocorre à distância de 100 a 25 metros, que a partir de 25 metros começamos a decodificar emoções e expressões faciais e que, de 0 a 7 metros, todos os sentidos são percebidos (GEHL, 2015).

O segundo está relacionado à **organização social** de cada caso estudado, que, conforme Thiollent (2007), pode ser distinguida em uma associação ou agrupamento ativo, organizado para realizar objetivos práticos de um ator social homogêneo dispondo de suficiente autonomia para encomendar e controlar a pesquisa (Ecocasa Kripa Madhu); uma empresa ou escola, uma organização na qual existe hierarquia ou grupos cujos relacionamentos são problemáticos (CEISA); e um bairro popular, comunidade rural, organizada em meio aberto e freqüentemente organizada em função de instituições exteriores à comunidade (Praça Val Rai-Projeto Praça Cultura Viva).

O terceiro tem origem na observação de diferentes **graus de participação**, que segundo Geilfus (2009), não é um estado fixo, mas um processo no qual pode haver maior ou menor grau de participação das pessoas no processo de desenvolvimento, dependendo do grau de decisão que as pessoas têm no processo. O autor exemplifica com a escada da participação, na qual é possível passar gradualmente de uma passividade quase completa (ser beneficiário), para coleta de informações, participação por consulta, participação por incentivos, participação funcional, participação interativa, chegando-se ao controle de seu próprio processo de autodesenvolvimento (GEILFUS, 2009).

A metodologia utilizada para a realização das vivências de bioconstrução foi a da **pesquisa-ação participativa - PAP**, pois valoriza a busca de compreensão e de interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas, resultando em um plano de ação. Thiollent esclarece que a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica, que é

[...] concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo

cooperativo ou participativo (THIOLENT, 2007, p. 16).

Glassman e Erdem (2014), por sua vez, utilizam o termo **Pesquisa-Ação Participativa** e sugerem que esta também seja reconhecida através de suas premissas básicas e inseparáveis – vivência (**V**), *práxis* (**P**) e conscientização (**C**), sugerindo **PAP/ VPC** como o acrônimo mais apropriado para se referir à pesquisa participativa no mundo em desenvolvimento, tendo suas bases com fortes vínculos no contexto sociopolítico das sociedades em desenvolvimento e sua luta pela libertação.

Glassman e Erdem (2014) explicam que a **vivência/** participação pode ser definida como a plena experiência de um evento com todas as suas possibilidades, ou seja, não pode ser observada, só pode ser vivida e sentida com a experiência.

A **práxis/** ação contém elementos de dinamismo e mudança, transformando ideias em ações, ou seja, consiste em um ato de engajamento, exercitando e praticando ideias, possibilitando que as massas oprimidas critiquem, problematizem e reivindiquem sua condição, permitindo superá-la, conforme Glassman e Erdem (2014).

A **conscientização/** pesquisa, segundo Freire (FREIRE *apud* GLASSMAN, 2014, p. 213, tradução nossa), é o processo pelo qual os homens, não como receptores, mas como sujeitos, adquirem cada vez mais uma consciência profunda da realidade sócio-cultural que molda as suas vidas e sua capacidade de transformar a realidade.

Para melhor entendimento das vivências, utilizou-se o roteiro de concepção e organização da pesquisa apresentado por Thiollent (2007, p. 52-77), que sugere as fases de organização da pesquisa ilustradas no Quadro 2, a seguir.

Nº	Fases (THIOLENT, 2007, p.52-78).	Praça Val Rai – Projeto Praça Cultura Viva	CEISA – Centro de Educação Infantil Santo Antônio	Ecasa Kripa Madhu
1	Fase exploratória (THIOLENT, 2007, p.52).	Visita ao local da Praça Val Rai e entorno (Escola, comércios, moradores).	Visita ao CEISA, conversa com a coordenação, atividades com as crianças e professores.	Alugar uma casa, reuniões e vivências iniciais (1º momento).
2	Tema da pesquisa (THIOLENT, 2007, p.55).	Vivências de Bioconstrução.	Vivências de Bioconstrução.	Vivências de Bioconstrução.
3	Colocação dos problemas (THIOLENT, 2007, p.57).	Projeto participativo e execução colaborativa da Praça Val Rai, participação da população.	Projeto participativo e execução colaborativa de um parquinho para as crianças.	Implantação de Casa Colaborativa voltada para vivências de bioconstrução e permacultura urbana.
4	Lugar da teoria (THIOLENT, 2007, p.60).	Conceitos de leitura da paisagem, pesquisa-ação, pedagogia do oprimido, fenomenologia da percepção, bioconstrução, permacultura, etc.	Conceitos de leitura da paisagem, pesquisa-ação, pedagogia do oprimido, fenomenologia da percepção, bioconstrução, permacultura, etc.	Conceitos de leitura da paisagem, pesquisa-ação, pedagogia do oprimido, fenomenologia da percepção, bioconstrução, permacultura, etc.
5	Hipótese (THIOLENT, 2007, p.60).	A participação nas vivências de bioconstrução levou a uma mudança de percepção e apropriação do espaço público por parte dos participantes.	A participação nas vivências de bioconstrução levou a uma mudança de percepção do espaço de intervenção por parte dos participantes.	A participação nas vivências de bioconstrução levou a uma mudança de percepção e consciência em relação a permacultura urbana, bioconstrução e atividades co-laborativas.
6	Seminário (THIOLENT, 2007, p.63).	Reuniões com a coordenação do projeto e a população do entorno da praça.	Reuniões com a coordenação do CEISA.	Reuniões periódicas com os moradores da casa e rodas de início e finalização das vivências de bioconstrução.
7	Campo de observação, amostragem e representatividade qualitativa (THIOLENT, 2007, p.66).	9 participantes entrevistados.	8 participantes entrevistados.	10 moradores entrevistados e 13 participantes entrevistados.
8	Coleta de dados (THIOLENT, 2007, p.69).	Metodologia do DSC, Coleta das entrevistas e compilação em discursos coletivos	Metodologia do DSC, Coleta das entrevistas e compilação em discursos coletivos	Metodologia do DSC, Coleta das entrevistas e compilação em discursos coletivos
9	Aprendizagem (THIOLENT, 2007, p.71).	Aprendizagem conjunta através da ação (aprender fazendo) e de troca de experiências.	Aprendizagem conjunta através da ação (aprender fazendo) e de troca de experiências.	Aprendizagem conjunta através da ação (aprender fazendo) e de troca de experiências.
10	Saber formal/saber informal (THIOLENT, 2007, p.72).	Compartilhamento dos saberes nas vivências.	Compartilhamento dos saberes nas vivências.	Compartilhamento dos saberes nas vivências.
11	Plano de ação (THIOLENT, 2007, p.75).	Projeto Paisagístico Participativo e suas fases de execução.	Projetos Arquitetônicos da Cobertura da Caixa de Areia e Casa de Bonecas e suas fases de execução.	Vivências de Bioconstrução; Incorporação de conceitos e práticas de permacultura urbana; Projeto 1:1 de Casa Viva (aprender fazendo).
12	Divulgação externa (THIOLENT, 2007, p.77).	Publicação de artigos, conferências, mídias sociais.	Publicação de artigos, conferências, mídias sociais.	Publicação de artigos, conferências, mídias sociais.

**Quadro 2:** Fases da organização da pesquisa (THIOLENT, 2007) e aplicação nos estudos de caso. Fonte: Acervo da p

## 6 Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)

Utilizou-se o método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) para avaliação das vivências de bioconstrução, por possibilitar a síntese dos discursos individuais (depoimentos) coletados em idéias centrais a partir da análise de conteúdo dos discursos de forma sistematizada e lógica. Sendo possível gerar tanto discursos coletivos em primeira

pessoa (compilados a partir dos discursos originais emitidos) quanto a formação de idéias centrais que expõem a visão dos participantes sobre o processo, sem a exclusão de nenhuma idéia emitida pois este método não utiliza o critério de saturação (usado em pesquisas qualitativas).

Desta forma, foi possível um registro das vivências rico em informações gerando um relatório emitido pelos próprios participantes dando voz aos atores do processo vivido, sem a supressão de nenhuma idéia, parecer, proposta, julgamentos, etc.

O Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) é um método desenvolvido na Universidade de São Paulo (USP) para as pesquisas de atribuição de sentido que tenham como material de base depoimentos ou outros suportes de material verbal, possibilitando a análise de depoimentos com profundidade (qualitativo), mas também se chegando a resultados generalizáveis (quantitativos) (LEFEVRE; LEFEVRE, 2012).

Para isso, a coleta de opinião é muito importante e é obtida através de uma pergunta aberta que viabiliza a emissão de um depoimento. Como se trata de opiniões de indivíduos que vivem em coletividade, sociedade ou grupos, é necessária a coleta de atributos constitutivos da sociedade pesquisada, associando uma representatividade e uma generalização dos resultados. Consiste em um conjunto de instrumentos destinados a recuperar e dar voz às Representações Sociais (RS), configurando um plano simbólico pelo qual a sociedade é constituída e permitindo a comunicação entre seus membros, conferindo-lhe coesão (LEFEVRE; LEFEVRE, 2012).

Nesse sentido, o DSC propõe que o pensamento coletivo fale diretamente, podendo auto expressar-se, o que implica instituir um sujeito capaz de representá-lo, não podendo ser nem o sujeito individual puro, por ser individual, e nem o sujeito impessoal do conhecimento, por se expressar indiretamente, na terceira pessoa, tratando o pensamento do coletivo como objeto e não como sujeito (LEFEVRE; LEFEVRE, 2012).

Então, esse método emprega a primeira pessoa do singular, a "fala direta", a "primeira pessoa coletiva do singular", para expressar o pensamento das representações sociais, que são o social vivido individualmente, resultando na fala direta do pensamento coletivo (LEFEVRE; LEFEVRE, 2012).

Assim, é possível ilustrar o campo social pesquisado, resgatando nele o universo das diferenças e semelhanças entre as visões dos atores sociais ou sujeitos coletivos que o habitam, contemplando o todo, valorizando o múltiplo, o complexo, o diferente, considerando-o com o mesmo grau de importância, convivendo dialeticamente com o semelhante, o uno, o simples (LEFEVRE; LEFEVRE, 2012).

## **7 Elaboração do DSC**

Para elaboração de um DSC, foi preciso que o tema (vivências de bioconstrução) sofresse um processo de problematização assim como em uma pesquisa (LEFEVRE; LEFEVRE, 2012). Deste modo, formulou-se a seguinte pergunta relacionada ao tema: **Qual leitura da paisagem as vivências de bioconstrução proporcionaram a seus participantes em relação à metodologia da pesquisa-ação participativa?**

A definição dos atores/agentes sociais, sujeitos ou conjuntos de sujeitos a serem entrevistados, capazes de emitir opiniões, posicionamentos, julgamentos sobre o tema e para os quais o problema a ser investigado fizesse sentido, é um ponto importante. Como esta pesquisa se refere às vivências de bioconstrução, os participantes das vivências estudadas foram definidos como os atores sociais a serem entrevistados e o local onde se realizaram as vivências, como o lugar escolhido.

Buscou-se, em todos os casos, localizar e entrevistar o maior número e a maior diversidade de participantes encontrados, para que fosse possível emergir um leque mais abrangente das idéias presentes no campo estudado (qualificação de idéias), analisando a distribuição das idéias qualificadas entre a população estudada (grau de compartilhamento). Assim sendo, julgou-se que os dados coletados foram suficientes para a análise que o objetivo desta pesquisa se propõe, não tendo seu foco em apenas um caso específico de uma vivência de bioconstrução, mas em um grupo de casos diferentes de vivências que aconteceram ao longo de oito anos como um todo.

Em relação à sistematização de discursos, o método do DSC possibilita a recuperação de todo o espectro de opiniões presente em uma dada formação social entrevistada, a partir de "procedimentos e processos sistemáticos e padronizados para a descrição dos sentidos de cada depoimento isoladamente e dos conjuntos de depoimentos de sentido semelhante" (LEFEVRE; LEFEVRE, 2012, p. 46).

Outro ponto importante para o DSC é a não utilização do critério de saturação (usado em pesquisas qualitativas), que consiste em considerar que o universo de idéias já está completo no momento em que as ideias/opiniões começam a se repetir. Isso porque o DSC, como Teoria das Representações Sociais, pretende o resgate das idéias socialmente compartilhadas e que naturalmente vão se repetir entre os sujeitos entrevistados, sendo necessária a coleta de todas as idéias existentes e não apenas das que são mais presentes em um campo. Assim, não se deixa de obter as respostas menos compartilhadas, que fazem parte do discurso coletivo também, permitindo que idéias diferentes ocorram, deixando o discurso coletivo mais rico (LEFEVRE; LEFEVRE, 2012).

Para a elaboração do formulário de entrevista, seguiram-se os nove pontos importantes na elaboração dos formulários, conforme apontados por Lefevre e Lefevre (2012). Chegaram-se as seguintes perguntas e seus respectivos objetivos. **Pergunta 1.** De que vivência(s) você participou? Que atividade(s) realizou? Descreva, por favor, o que aprendeu e/ ou ensinou. **OBJETIVO:** Fazer com que o participante recorde como foi a vivência, buscando detalhes em

sua memória e assim, obter a descrição, a partir da perspectiva do participante, de que atividades práticas (**ação**) foram realizadas e de qual ele participou especificamente, auxiliando no melhor entendimento das perguntas seguintes. / **Pergunta 2.** O que você achou da experiência / vivência? Trouxe alguma reflexão? Qual? **OBJETIVO:** Saber se a participação na vivência trouxe alguma **reflexão** para o participante. / **Pergunta 3.** Depois dessa experiência, você mudou algo no seu dia-a-dia? O que? **OBJETIVO:** Saber se houve alguma mudança prática (**conscientização**) após as atividades realizadas nas vivências. / **Pergunta 4.** Você gostaria de destacar algum momento da(s) vivência(s) que tenha sido mais marcante pra você? **OBJETIVO:** Remontar as vivências através de momentos marcantes, captando a **leitura da paisagem** de cada participante conectado com o espaço e o tempo.

Em relação ao tempo de imersão das vivências, foram produzidos dois tipos de formulários de entrevista diferentes, um para participantes de longa imersão (de semanas a meses) e outro para participantes de curta imersão (alguns dias, finais de semana ou feriados), todos mantendo o mesmo objetivo pretendido em cada pergunta.

A forma de coleta de depoimentos escolhida foi a entrevista individual dos participantes das vivências, por sua abordagem permitir o resgate da opinião individual livre de qualquer tipo de interferência, o afloramento do discurso espontâneo e o resgate discursivo da opinião de populações que não têm sua voz ouvida (LEFEVRE; LEFEVRE, 2012). Os gastos de tempo e o custo da pesquisa foram minimizados através de entrevistas, com respostas gravadas em áudio, através do aplicativo do "WhatsApp" (57%), não havendo prejuízos para os depoimentos por recorrer-se a esse recurso apenas em casos de participantes já habituados a utilizá-lo para comunicação. No entanto, deu-se preferência a entrevistas presenciais (43%), realizadas sempre que possível.

Após a coleta de entrevistas, gravadas e transcritas, foi realizada a tabulação de dados seguindo-se os passos recomendados pelos autores: as "questões devem ser analisadas isoladamente", copiando, "integralmente, o conteúdo de todas as respostas à questão 1 no IAD 1 (Instrumento de Análise de discurso 1), conforme apresentado na Figura 4, na coluna: expressões-chave"; "identificar e sublinhar as expressões-chave das ideias centrais" e "as expressões-chave das ancoragens"; "identificar as idéias centrais e (quando for o caso) as ancoragens", a partir das expressões-chave copiando essas idéias centrais e ancoragens nas caselas correspondentes"; "identificar e agrupar as idéias centrais e as ancoragens de mesmo sentido ou de sentido equivalente, ou de sentido complementar", etiquetando "cada grupamento com letras: A, B, C, etc."; e criando "uma idéia central ou ancoragem-síntese" que expresse "todas as idéias centrais e ancoragens de mesmo sentido" (LEFEVRE; LEFEVRE, 2005, p. 46-54).

EXPRESSÕES-CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
7 – Jo. – Era um lugar que estava sem nenhum projeto <u>não tinha nada</u> , apenas um <u>espaço da prefeitura igual aos outros, em descaso</u> . E aí o sr. E. (...) <u>tinha já plantado algumas árvores</u> (...) Ele comentou que aquilo ali <u>era uma fuga para aliviar o "estresse" do trabalho</u> dele (...) Eu falei - "poxa, <u>também vou dar minha contribuição pra isso daqui</u> " (...) manifestou em mim o interesse de fazer um <u>abaixo assinado</u> (...) mas foi tão <u>rápido</u> (...) Acho que <u>deu mais de 500</u> , deu bastante, está lá na prefeitura, e aí nós ficamos no aguardo, não é? (...) pra nossa surpresa (...) o <u>prefeito</u> , (...) um dia ele <u>aparece do nada ali naquela praça</u> , não é? (...) ele veio ele falou - "não, aqui tem projeto pra calçar, pra asfaltar tudo ao redor", que <u>nem era asfaltada</u> (...) ficamos aguardando, (...) veio vocês (...) com aquele <u>projeto maravilhoso que agregou</u> , não é? Foi de <u>bioarquitetura</u> , não é? (...) e foi legal porque <u>vocês também nos consultou</u> , não foi um projeto feito dentro de sala, eu notei que foi um projeto <u>onde tomou ciência ali da área e do pessoal que estava ali já em atividade</u> que tiveram contato com o E., no caso, depois chegaram a mim também, não é? Então, nesse momento aí, a gente viu que, poxa, aconteceu, <u>deu efeito nosso abaixo assinado</u> . E conclusão geral que <u>ficou muito linda a praça, a gente curte bastante</u> a praça, o E. também, e a gente ficou muito satisfeito com o resultado. (...) Então, <u>muito das coisas é dinheiro mas tem coisa que tem que ser dedicado e ir atrás</u> , então, não aconteceu tão rápido (...) eu via <u>várias pessoas</u> que era meu cliente <u>fazendo caminhada lá depois</u> , coisas que não faziam, não é? Então, tudo ao redor fazia caminhada, <u>levava os cachorrinhos pra passear, filhos brincando lá na pracinha</u> ... É bem maior que isso daí... A família pôde estar lá, participando e todos juntos lá <u>tendo uma recreação à tarde, no sábado, domingo</u> , não é? (...) eu acho que foi <u>um presente de esforço em conjunto</u> , então, colhemos todos nós. (...) foi legal também que <u>a escola esteve participando</u> . Eu me lembro, não é? Foi muito bom o pessoalzinho ali da escola Brizola, escola tão de frente (...) aquela <u>criança que estava lá com seus dez anos tem quase dezessete já, está ciente já, está consciente</u> das coisas, não é? Então, ela <u>passa lá hoje e deve estar olhando com orgulho</u> , não é? Falar - "poxa coloquei minha mão nessa construção dessa tartaruga aí", que tem <u>a tartaruga gigante lá</u> , então eu acho que é isso, eu acho que essas coisas que a gente tem que valorizar, continuar dando valor e fazer com que a <u>comunidade participe porque ela vai poder cuidar, vai poder usufruir</u> , não é? <u>E passar pras gerações</u> . (...) não dá pra descrever em outra <u>palavra</u> , é, sem ser, acho que o amor, porque é <u>uma experiência maravilhosa e amar</u> , ele presente ele dá muito prazer na gente, <u>muita satisfação</u> , não é? Então é a experiência, foi mais <u>uma experiência muito boa que fica registrado na mente da gente</u> , não é? E <u>eu recomendo que faça</u> ... que todos <u>passam por essa experiência</u> e que ela possa fazer parte da vida dela, e de <u>filhos também</u> , não é? (...) porque a gente vê que às vezes <u>uma coisa que estava em descaso você pode transformar</u> , então é, você se empenha e você começa a fazer reflexão das coisas, refletir muito desses resultados desses acontecimentos, não é? (...) eu acho que naqueles casos <u>se você envolver que nem eu fui envolvido lá</u> (...) eu acho que aquela <u>idéia ela poderia ser estendida para a escola</u> , trazer a escola mais perto dentro dessa proposta aí dessa idéia.	(1ª ideia) Era um espaço da prefeitura igual aos outros, em descaso, não tinha nada, nem era asfaltado.  E (2ª ideia) Viu que já tinham plantado algumas árvores e resolveu dar uma fazendo um abaixo assinado que deu mais de 500 assinaturas fazendo com que o prefeito apareça um dia naquela praça e depois veio o projeto da bioarquitetura dando efeito o abaixo assinado.  D (3ª ideia) Foi um projeto que tomou ciência da área e do pessoal que já estava ali, foram consultados, não foi um projeto feito dentro de sala.  D (4ª ideia) Ficou muito linda a praça, a gente curte bastante, várias pessoas fazendo caminhada, levando os cachorrinhos pra passear, filhos brincando na pracinha, todos juntos tendo uma recreação à tarde, no sábado, domingo.  E (5ª ideia) Muito das coisas depende de dinheiro mas tem coisa que precisa ser dedicado e ir atrás.  C (6ª ideia) Foi um presente de esforço em conjunto. Se a comunidade participa vai poder cuidar, vai poder usufruir e passar pras próximas gerações.  D (7ª ideia) A Escola Brizola, em frente, participou também. Aquela criança que tinha dez anos tem quase dezessete e está consciente das coisas, passa lá hoje e deve estar olhando com orgulho de ter construído a tartaruga gigante.  D (8ª ideia) Foi uma experiência que ficou registrado na mente, maravilhosa, de amor, de muita satisfação, recomenda que faça, que todos passem por essa experiência e que ela possa fazer parte da vida delas e de filhos também.  C (9ª ideia) Quando você se empenha, uma coisa que estava em descaso pode ser transformada.  C (10ª ideia) Estender a proposta para trazer a escola mais perto, envolver como foi envolvido.  C

**Fig. 4:** Instrumento de Análise de Discurso 1 – IAD1(A coluna ancoragem foi suprimida aqui por não haver preenchimento deste IAD 1). Fonte: Acervo da pesquisa.

E, finalmente, utilizou-se o IAD 2 (Instrumento de Análise de Discurso 2), conforme apresentado nas Figuras 5 e 6, para a construção de um DSC para cada grupamento identificado no passo anterior, representado com letras (A, B, C, etc.), utilizando quantos IAD 2 quantos foram os grupamentos. Sendo assim, foram copiadas todas as expressões chaves do mesmo grupamento, por exemplo, representado pela letra "A" do IAD1, para a coluna "expressões chaves" do IAD2, construindo-se o DSC propriamente dito, obedecendo a uma esquematização clássica do tipo começo, meio e fim, ou do mais geral para o menos geral e para o mais particular, proporcionando coesão e eliminando particularismos de sexo, idade, eventos particulares etc., seguindo a metodologia proposta por Lefevre e Lefevre (2005).

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>6 – J. – Não foi só um material e o físico que foi construção de um coletivo (...) não era só o meu sonho, era o sonho de vocês, não é? Se juntando com o meu, e na hora que a escola começou a ver (...) o pessoal fazendo o teatro, lembra? Teve todo um trabalho com as crianças na escola. Vocês não foram lá e fizeram a praça. Não! Teve um trabalho, tinha um trabalho de conscientização dentro da escola, vocês fizeram peça de teatro com as crianças, levou o ator lá que ele passava de sala em sala e conversava com eles conscientizando, então teve um trabalho pedagógico também, foi a hora que os professores começaram... A comunidade escolar, vamos dizer assim, começou a enxergar aquilo com outros olhos, passou do sonho louco da J., para um sonho louco coletivo, entendeu? Tinha mais pessoas envolvidas, só que pra gente, a gente ainda queria mais, a gente queria a comunidade, aquela comunidade que jogava o lixo ali, que enterrava os animais ali, não é? (...) mas teve muita colaboração da direção da escola (...) Os alunos eles foram a partir do momento que vocês levaram as pessoas pra trabalhar a sustentabilidade com eles, que foi sendo inserido no cotidiano deles escolar, eles foram muitos participativos, não é? Fizeram as peças, os monólogos (...) no fim todos se envolveram, (...) os alunos que nós trabalhamos não são mais aquelas crianças ou aqueles adolescente de 12, 13, 14 anos, não são mais. Eles já são homens, hoje, e mulheres e a praça continua ali, já parou pra pensar nisso? (...) porque não era só importante pra nós limparmos aquele lugar, deixar um lugar agradável para que as pessoas pudessem usar, era importante pra eles, só que eles não tinham essa consciência, e nós conseguimos de alguma forma conscientizá-los (...) não adianta só a gente montar projetos e pensar - "não, vamos fazer um viaduto aqui, vamos fazer uma praça ali, vamos fazer uma viela, uma rua", sei lá, como fala, a gente tem que ver o que realmente é importante para as pessoas, o que elas estão realmente precisando (...) A persistência, o carinho, o jeito que a gente tratava as pessoas (...) juntou várias pessoas com profissões diferentes, não é? (...) mas pessoas que tinham um objetivo comum, e a mesma forma de pensar de lidar com paciência, com carinho (...) Porque os alunos mesmo (...) a maioria deles não moram ali, eram de outros bairros, (...) porque eles eram poucos os que eram ali do redor, mesmo esses poucos ajudaram, colaboraram.</p> <p>7 – Jo. – E aí o sr. E., (...) tinha já plantado algumas árvores (...) Ele comentou que aquilo ali era uma fuga para aliviar o "estresse" do trabalho dele (...) Eu falei - "poxa, também vou dar minha contribuição pra isso daqui" (...) manifestou em mim o interesse de fazer um abaixo assinado (...) mas foi tão rápido (...) Acho que deu mais de 500, deu bastante, está lá na prefeitura, e aí nós ficamos no aguardo, não é? (...) pra nossa surpresa (...) o prefeito, (...) um dia ele aparece do nada ali naquela praça, não é? (...) ele veio ele falou - "não, aqui tem projeto pra calçar, pra asfaltar tudo ao redor", (...) ficamos aguardando, (...) veio vocês (...) com aquele projeto maravilhoso que agregou, não é? Foi de bioarquitetura, não é? (...) e foi legal porque vocês também nos consultou, não</p>	<p>O morador em frente à praça, tinha já plantado algumas árvores e comentou que aquilo ali era uma fuga para aliviar o "estresse" do trabalho dele. Eu falei - "poxa, também vou dar minha contribuição pra isso daqui". Daí, manifestou em mim o interesse de fazer um abaixo-assinado. Mas foi tão rápido. Acho que deu mais de 500 assinaturas. Deu bastante! Está lá na prefeitura. E aí, nós ficamos no aguardo, não é?</p> <p>Pra nossa surpresa, o prefeito, um dia aparece do nada ali naquela praça, não é? Ele veio e falou - "não, aqui tem projeto pra calçar, pra asfaltar tudo ao redor". Ficamos aguardando.</p> <p>Veio vocês, com aquele projeto maravilhoso que agregou, não é? Foi de bioarquitetura, não é? E foi legal porque vocês também nos consultou, não era um trabalho que a gente chega, vamos fazer e tchau! Um projeto feito dentro de sala. Não! Eu notei que foi um projeto que ele tinha a participação de todas as pessoas, tomou ciência ali da área e do pessoal que estava ali já em atividade, a associação de moradores que também se aproximou, pessoas ali do entorno.</p> <p>Porque não adianta só a gente montar projetos e pensar - "não, vamos fazer um viaduto aqui, vamos fazer uma praça ali, vamos fazer uma viela, uma rua", sei lá, como fala, a gente tem que ver o que realmente é importante para as pessoas, o que elas estão realmente precisando.</p> <p>A gente queria aquela comunidade que jogava o lixo ali, que enterrava os animais ali, não é?</p> <p>Porque não era só importante pra nós limparmos aquele lugar, deixar um lugar agradável para que as pessoas pudessem usar. Era importante pra eles, só que eles não tinham essa consciência, e nós conseguimos de alguma forma conscientizá-los</p> <p>Não foi só o material, o físico, foi construção de um coletivo. Não era só o meu sonho, era o sonho de vocês, não é? Se juntando com o meu.</p> <p>Então, juntou várias pessoas com profissões diferentes, não é? Mas pessoas que tinham um objetivo comum, e a mesma forma de pensar, de lidar com paciência, persistência, carinho, o jeito que a gente tratava as pessoas. Nós visitamos de casa em casa pra ouvir, - "se ali fosse uma praça, o que a senhora acha que poderia? É interessante ter uma praça aqui?".</p> <p>E ao mesmo tempo, as pessoas começavam a passar por lá, mesmo com aqueles entulhos aquelas coisas, as pessoas, às vezes, paravam para observar, então elas participaram do processo desde a retirada dos lixos dali. Foi muito gratificante.</p> <p>Foi legal também que a escola esteve participando. A escola da família, que abriu o espaço, eu me lembro, não é? Foi muito bom o pessoalzinho ali da escola Brizola, de frente. Aqueles adolescente de 12, 13, 14 anos, já são homens e mulheres hoje, e a praça continua ali, já parou pra pensar nisso? Aquela criança</p>

**Fig. 5:** IAD 2- IDEIA CENTRAL D – "Todos participaram de alguma forma, resultado de um esforço em conjunto, gerando todos puderam receber." Projeto "Praça Cultura Viva" – Praça Val Rai - Pergunta 2: "O que você achou da experiência / alguma reflexão? Qual?". Fonte: Acervo da pesquisa.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p><i>foi um projeto feito dentro de sala, eu notei que foi um projeto onde tomou ciência ali da área e do pessoal que estava ali já em atividade que tiveram contato com o E., no caso, depois chegaram a mim também, não é? Então, nesse momento aí, a gente viu que, poxa, aconteceu, deu efeito nosso abaixo assinado. (...) eu acho que foi um presente de esforço em conjunto, então, colhemos todos nós. (...) foi legal também que a escola esteve participando. Eu me lembro, não é? Foi muito bom o pessoalzinho ali da escola Brizola, escola tão de frente (...) aquela criança que estava lá com seus dez anos tem quase dezessete já, está ciente já, está consciente das coisas, não é? Então, ela passa lá hoje e deve estar olhando com orgulho, não é? Falar - "poxa coloquei minha mão nessa construção dessa tartaruga aí", que tem a tartaruga gigante lá, então eu acho que é isso, eu acho que essas coisas que a gente tem que valorizar, continuar dando valor e fazer com que a comunidade participa porque ela vai poder cuidar, vai poder usufruir, não é? E passar pras gerações.</i></p> <p><i>9 – Re. – Porque não era um trabalho que a gente chega, vamos fazer e tchau! Não! Era um trabalho que ele tinha que ter a participação de todas pessoas. (...) nós visitamos de casa em casa pra ouvir, - "se ali fosse uma praça, o que a senhora acha que poderia? É interessante ter uma praça aqui?" (...) e ao mesmo tempo, quando nós iniciamos o nosso trabalho, as pessoas começavam a passar por lá, mesmo com aqueles entulhos aquelas coisas, as pessoas, as vezes, paravam para observar, então elas participaram do processo desde a retirada dos lixos dali. Então, foi muito gratificante (...) como vivência até pelo fato da gente conhecer outras pessoas, a associação de moradores que também se aproximou, pessoas ali do entorno, a escola que nós participamos também da escola da família, que abriu o espaço, porque a escola fica em frente a praça, então a escola também ganhou este presente.</i></p>	<p>que estava lá com seus dez anos tem quase dezessete já, está consciente das coisas, não é? Passam lá e devem estar olhando com orgulho, não é? Falar - "poxa coloquei minha mão nessa construção dessa tartaruga aí", que tem a tartaruga gigante lá.</p> <p>Teve todo um trabalho de conscientização com as crianças dentro da escola, um trabalho pedagógico também, sendo inserido no cotidiano deles escolar. Teve muita colaboração da direção da escola e os alunos foram a partir do momento que vocês levaram as pessoas pra trabalhar a sustentabilidade com eles, o ator passava de sala em sala e conversava, fizeram as peças, os monólogos, no fim todos se envolveram. Eles foram muito participativos, não é? Mesmo com a maioria dos alunos morando em outros bairros, esses ajudaram, colaboraram.</p> <p>Foi a hora que os professores, comunidade escolar começaram, vamos dizer assim, a enxergar aquilo com outros olhos. Tinha mais pessoas envolvidas, passou a ser um sonho louco coletivo, entendeu? A escola também ganhou este presente.</p> <p>Então eu acho que é isso, eu acho que essas coisas que a gente tem que valorizar, continuar dando valor e fazer com que a comunidade participa porque ela vai poder cuidar, vai poder usufruir, não é? E passar pras gerações.</p> <p>Nesse momento aí, a gente viu que, poxa, aconteceu, deu efeito nosso abaixo assinado. Eu acho que foi um presente de esforço em conjunto que colhemos todos nós.</p>

**Fig. 6:** Continuação - IAD 2- IDEIA CENTRAL D – “Todos participaram de alguma forma, resultado de um esforço em conjunto presente que todos puderam receber.” Projeto “Praça Cultura Viva” – Praça Val Rai - Pergunta 2: “O que você achou da experiência? Trouxe alguma reflexão? Qual?” Fonte: Acervo da pesquisa.

## 8 Leitura da paisagem

Para a leitura das vivências é essencial que se leve em consideração a leitura da paisagem. O conceito de paisagem permeia diversos campos do conhecimento, incluindo o conhecimento não formal e o conhecimento de populações tradicionais, assumindo significados diferentes, dependendo da área do conhecimento, autor e enfoque da pesquisa. É objeto de estudo de várias áreas do saber, assumindo um caráter interdisciplinar, seu sentido alterou-se no âmbito dos paradigmas que se foram impondo no contexto científico.

Nesse sentido, Sandeville (2005) completa que a “paisagem, mais do que espaço observado, trata-se de espaço vivenciado, da sensibilidade das pessoas com seu entorno”, um espaço que vai além da observação, constituído a partir de vivências, sentidos e experiências compartilhadas, e pensado “como um vasto campo de significados, tensões e contradições sociais” (SANDEVILLE, 2005, p. 53). A paisagem é como “um texto humano a ser decifrado”, um “pensamento oculto”, um “lugar de memória”, um “ponto de vista”, segundo BESSE (2014, p. 21-22), além de ser um “modo de pensar e perceber” do ser humano, sendo vista como uma interpretação, uma leitura, uma linguagem, uma apropriação cultural do mundo pelo sujeito individual ou coletivo.

A paisagem fala-nos dos homens, dos seus olhares e dos seus valores, e não propriamente do mundo exterior. Na realidade, só haveria paisagens interiores, mesmo se essa interioridade se traduz e se inscreve “no exterior”, no mundo (BESSE, 2014, p.13).

Besse (2006) define a paisagem como uma representação cultural, como um ponto de vista, uma maneira de pensar e perceber, uma dimensão da vida. Desta forma, entende-se que a paisagem não existe nem objetivamente e nem em si mesma, mas sim através de “uma interpretação”, “uma leitura”, necessitando que se estude uma forma de pensamento e de percepção subjetiva, informada por códigos culturais, retornando-a um estado anterior (a paisagem em si) para descobrir suas razões de ser, na cultura e na vida social (BESSE, 2006).

Assim, entende-se que a leitura da paisagem para uma pessoa não pode ser igual para a outra, ao perceber que duas pessoas não podem ter experiências de vida, percepções subjetivas e sinestésicas idênticas ao longo de toda a sua vida. Desta forma, podem-se obter diferentes leituras da paisagem para o mesmo lugar em um mesmo espaço e tempo, dependendo de quem as lê e vivencia.

## 9 Resultados alcançados

A apresentação dos resultados (DSCs) foi feita através da apresentação de quadros-síntese com as idéias centrais para a análise de cada questão, conforme apresentado na Figura 7.

QUESTÃO 2 - O QUE VOCÊ ACHOU DA EXPERIÊNCIA / VIVÊNCIA? TROUXE ALGUMA REFLEXÃO? QUAL?	
Idéias centrais	Trouxe uma reflexão sobre a bioconstrução em si.
	Gerou uma reflexão sobre o espaço público, um sentimento de identidade com o local pela população do entorno, transformando um espaço desvalorizado em uma praça de cultura viva.
	As vivências de bioconstrução trouxeram uma experiência nova, de crescimento pessoal e profissional, recomendada para outras pessoas e grupos.
	Todos participaram de alguma forma, resultado de um esforço em conjunto, gerando um presente que todos puderam receber.
	No início, era um bolsão de entulhos, apenas um espaço igual aos outros, em descaso e depois que a praça se concretizou, o pessoal passou a frequentá-la com a família.

**Fig. 7:** Idéias centrais pergunta 2 - Projeto "Praça Cultura Viva" – Val Rai. Fonte: A autora.

Foi redigido um parágrafo para cada quadro-síntese com as idéias centrais de cada questão para facilitar o entendimento dos resultados obtidos, conforme exemplo a seguir:

No início, o local era um bolsão de entulhos, apenas um espaço igual aos outros, em descaso. As vivências de bioconstrução trouxeram uma experiência nova, de **crescimento pessoal e profissional**, recomendada para outras pessoas e grupos. **Todos participaram** de alguma forma, **resultado** de um **esforço em conjunto**, gerando um **presente** que todos puderam receber. Isso proporcionou uma **reflexão sobre o espaço público** e sobre a **bioconstrução em si**, um sentimento de **identidade com o local** pela população do entorno (AMARO, 2017, p. 79).

## 10 Considerações finais

A superação dos impactos que o modelo de sociedade atual vem imprimindo ao meio ambiente apresenta grandes desafios relacionados à sua sustentabilidade, principalmente nas cidades onde se encontra a maior parte da população. Durante a construção e desenvolvimento da pesquisa constatou-se a importância da participação dos envolvidos para que esforços conjuntos viessem reverter este cenário, mantendo ou criando a identidade com o local, a afetividade e riqueza cultural através de atores e não espectadores desse processo.

Desta forma, utilizou-se a metodologia da PAP/VPC para a realização das vivências de bioconstrução, e o método do DSC para a leitura da paisagem do objeto de estudo (vivências de bioconstrução) a partir da ótica de seus participantes e para que o objetivo da pesquisa fosse alcançado. Os resultados revelaram de forma sistemática, clara e concisa os acontecimentos em geral, reflexões, mudanças e momentos marcantes sobre os eventos, revelando a leitura da paisagem não só de um entrevistado, mas do conjunto destes. Percebe-se que a forma de coleta e tratamento de dados que o emprego do DSC propõe é importante não só para avaliação, mas para a geração de dados sobre ações participativas, a partir de matrizes diversas entre si, escalas urbanas, tipo de organização social e do trabalho, graus de participação, idade, sexo, escolaridade, experiências de vida, trazendo uma riqueza de detalhes nos discursos.

Por meio do método do DSC foi possível captar, decodificar e apresentar através do Discurso do Sujeito Coletivo as ações, intervenções e as vivências de bioconstrução. Ao agir, modificou-se a paisagem, e, no caso das vivências estudadas, isso acontece através da metodologia da PAP/VPC.

Neste sentido, os conceitos da permacultura e da bioconstrução utilizados nas vivências apresentaram um modo de fazer a arquitetura, urbanismo e paisagismo voltados para uma intervenção mais integrada com a natureza, com o menor impacto possível, em que as atividades e as técnicas empregadas se sustentam na reflexão sobre o uso dos materiais e como eles são reinseridos em seu ciclo, retomam movimento, saindo de uma perspectiva de lixo e escassez para uma perspectiva de reinserção em um ciclo e abundância.

A combinação de métodos complementares entre si como o PAP/VPC e o DSC utilizados para realização e tratamento de dados das vivências de bioconstrução, apontaram para a importância de **"parti.cipar+co.laborar"** em processos contemporâneos de construção coletiva de conhecimento em diferentes áreas, práticas e abordagens teóricas através de ações transdisciplinares, multiculturais envolvendo atores e comunidades não-acadêmicos e geraram, nos casos estudados, a reflexão e a conscientização sobre a questão participativa, coletiva e também ambiental abordadas e trabalhadas entendendo que diversas outras questões poderiam ser trabalhadas com essa combinação de metodologias e com enfoques diferenciados de estudos de caso participativos e colaborativos.

## Referências

AMARO, E. K. P. **Vivências de Bioconstrução**: um caminho para a leitura da paisagem. 2017. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Bauru, 2017.

BESSE, J. M. Las cinco puertas del paisaje: ensaio de uma cartografia de lãs problemáticas paisajeras contemporâneas. In: MADERUELO, J. (Org.) **Paisaje y pensamiento**. Madrid: Abada, 2006. p. 145-171.

BESSE, J. M. **O gosto do mundo**: exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

GEHL, Jan. **Cidade para Pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

GEILFUS, F. **80 ferramentas para el desarrollo participativo**: diagnóstico, planificación, monitoreo, evaluación. Costa Rica: IICA, 2009.

GLASSMAN, M.; ERDEM, G. Research and Its Meanings: Vivencia, Praxis, Conscientization. **Adult Education Quarterly**, Lisboa, v. 64, n. 3, p. 206-221, 2014.

GROPIUS, W. **Bauhaus**: nova arquitetura. São Paulo: Perspectiva, 1994.

HERRERA, A. O. **A Grande Jornada**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**. jan. 2016. [online] Disponível em: <<http://7a12.ibge.gov.br/vamos-conhecer-o-brasil/nosso-povo/caracteristicas-da-populacao.html>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

JACOBI, P. R. **Cidade e Meio Ambiente**: Percepções e Práticas em São Paulo. São Paulo: Annablume, 2000.

LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A. M. C. **O discurso do sujeito coletivo**: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (Desdobramentos). 2a. ed. Caxias do Sul-RS: Educs, 2005.

LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A. M. C. **Pesquisa de representação social**: um enfoque quali-quantitativo: a metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo. 2a. ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2012.

MOLLISON, B.; SLAY, M. R. **Introdução à Permacultura**. Austrália: Tagari Publications, 1994.

ONU - Organização das Nações Unidas. **Declaração do Rio de Janeiro sobre meio ambiente e desenvolvimento**. Rio de Janeiro: ONU, jun 1992. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/rio20/img/2012/01/rio92.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2015.

ONU - Organização das Nações Unidas. **Relatório "Perspectivas da Urbanização Mundial"**. [s.l.]: ONU, jan. 2014. Disponível em: <<http://www.unric.org/PT/actualidade/31537-relatorio-da-onu-mostra-populacao-mundial-cada-vez-mais-urbanizada-mais-de-metade-vive-em-zonas-urbanizadas-ao-que-se-podem-juntar-25-mil-milhoes-em-2050>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

PRONSATO, S. A. D. **Arquitetura e Paisagem projeto participativo e criação coletiva**. São Paulo: Annablume/Fapesp/Fupam, 2005.

SACHS, I. **Desenvolvimento incluyente, sustentável, sustentado**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

SANDEVILLE JUNIOR, E. Paisagem. **Revista paisagem e ambiente**, São Paulo, n. 20, p.47-59, 2005. Disponível em: <[www.revistas.usp.br/paam/article/view/40228/43094](http://www.revistas.usp.br/paam/article/view/40228/43094)>. Acesso em: 10 ago. 2017.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2007.

<sup>1</sup> Empresa fabricante de utilidades domésticas em plásticos do Brasil com sede no Distrito Industrial de Bauru-SP.